

Área ardida em Portugal pode ser “duas a três vezes superior” em 2075

9 de Março, 2018

A área ardida em Portugal poderá “ser duas ou três vezes superior” em 2075 se nada for alterado no combate aos fogos e no uso dos solos, afirmou ontem Filipe Duarte Santos, presidente do Conselho Nacional do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável (CNADS), num seminário promovido pela Estrutura de Missão para a Instalação do Sistema de Gestão Integrada de Fogos Rurais. O responsável, que foi um dos revisores do relatório do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas (IPCC), adiantou que esta previsão dependerá da atividade humana no combate aos fogos e do uso do solo, existindo uma série de medidas que podem evitar esse aumento da área ardida em Portugal.

Na conferência, que decorreu durante a tarde de ontem, na Fundação Gulbenkian, Filipe Duarte Santos, também professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, traçou um cenário muito pouco animador para o futuro de Portugal, que vai ter menos chuva, secas mais frequentes e intensas, fazendo com que o risco de incêndio florestal aumente. “Pode acontecer que se torne impossível criar valor económico para as florestas nas zonas central e norte de Portugal, o que significaria que iremos ter, até ao final do século, apenas florestas residuais”, sustentou.

Nesse sentido, considerou que a questão de “dar valor económico às florestas é central neste problema”. “Se conseguirmos dar valor económico às florestas as coisas são evidentemente muito mais difíceis”, disse, enumerando três condições necessárias para que se diminua a área da floresta ardida em Portugal.

Segundo o especialista, é necessário diminuir o número de fogos florestais, reduzir o despovoamento gradual das áreas rurais e aumentar o controlo dos proprietários da floresta. Filipe Duarte Santos sublinhou que isto é fundamental, mas questionou se mesmo assim será suficiente.

No seminário com o tema “Proteção das comunidades em cenário de incêndio rural”, José Miguel Cardoso Pereira e José Manuel Lima Santos, do Instituto Superior de Agronomia de Lisboa, apresentaram o projeto piloto que estão a desenvolver na aldeia de Alvares, no concelho de Góis, e que no ano passado viu arder cerca de 80% da sua área.

Já o canadiano Kelvin Hirsch, perito com mais de 35 anos em alterações climáticas e incêndios florestais, apresentou o sistema de prevenção e combate aos incêndios no Canadá em resposta às alterações climáticas, dando a conhecer o programa ‘FireSmart Communities’ de sensibilização das comunidades rurais face à ameaça de risco de incêndio.

Na conferência, o presidente da Estrutura de Missão para a Instalação do Sistema de Gestão Integrada de Fogos Rurais, considerou que “não basta gerir

faixas” nem “limpar os matos à volta das casas”, sendo importante que a comunidade “vá para lá disso”, como educação, treino conjunto com as forças e preparação. Tiago Martins Oliveira avançou que está a ser preparado o projeto ‘aldeias seguras’ e ‘rede de alertas’, que consiste em ajudar a preparar as comunidades para os fogos florestais.